

## A Pluralidade Cultural nas Manifestações Artísticas da Comunidade da Missão: Construindo a Identidade

Thaila Bastos da Fonseca<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho visa, sobretudo, pensar as manifestações artísticas e culturais pertinentes na comunidade da Missão dentro de uma perspectiva pluralista e não hegemônica. Neste sentido, reconhecer a pluralidade cultural de uma localidade, é uma tentativa de romper com o discurso hegemônico e legitimar a identidade cultural de diferentes populações, sem hierarquizá-las. Os moradores da Comunidade Missão possuem suas histórias, crenças e tradições, as quais são portadoras de uma particularidade e sabedoria que precisam ser pensadas, difundidas e reconhecidas dentro de uma perspectiva científica. Para isso foram selecionados autores como Bauman (2005), Boas (2005), Hall (2003) e Thompson (1992). A metodologia pautou-se na História Oral e como principais resultados inferimos que as manifestações culturais abarcam uma diversidade de conhecimentos e saberes que nos ajudam a compreender a construção da nossa identidade, como também perceber que todo sistema cultural está em constantes mudanças. Compreender esta dinâmica é fundamental para prevenir qualquer tipo de manifestações preconceituosas entre culturas diversas.

**Palavras-chave:** Cultura; Arte; Reconhecimento; Identidade.

### Abstract:

The present work aims, above all, to think about the relevant artistic and cultural manifestations in the Mission community within a pluralistic and non-hegemonic perspective. In this sense, recognizing the cultural plurality of a locality is an attempt to break with the hegemonic discourse and legitimize the cultural identity of different populations, without prioritizing them. Residents of the Mission Community have their histories, beliefs and traditions, which are carriers of a particularity and wisdom that need to be thought about, disseminated and recognized within a scientific perspective. For this, authors such as Bauman (2005), Boas (2005), Hall (2003) and Thompson (1992) were selected. The methodology was based on Oral History and as main results we infer that cultural manifestations cover a diversity of knowledge and knowledge that help us understand the construction of our identity, as well as realize that every cultural system is in constant change. Understanding this dynamic is essential to prevent any kind of prejudiced manifestations between different cultures.

**Keywords:** Culture; Art; Recognition; Identity.

### Introdução

Este artigo é o resultado de um estudo sobre a pluralidade cultural nas manifestações artísticas e culturais pertinentes na comunidade da Missão, localizada no município de Tefé-AM. Esta localidade é reconhecida por preservar e conter elementos historiográficos imprescindíveis para a compreensão historiográfica da cidade de Tefé. É um local repleto de danças, crenças, ritos, costumes e tradições que são preservadas ao longo dos anos por seus moradores. Diante disso, o presente estudo é justificável pois, pensar as manifestações artísticas

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Língua Portuguesa CEST-UEA; Graduada em Letras Língua Inglesa CEST-UEA; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas CEST-UEA; Mestre em Ciências Humanas PPGICH-UEA; Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM-UFAM); Professora Supervisora do PIBID/CAPES/UEA e Professora de Língua Inglesa (SEDUC) [thailabastos@yahoo.com](mailto:thailabastos@yahoo.com)

e culturais de uma comunidade dentro de uma perspectiva pluralista é uma tentativa de romper com o discurso hegemônico e eurocêntrico de cultura dominante.

Desse modo objetiva-se desvendar elementos historiográficos pertinentes no contextos dessas manifestações e, sobretudo, a pluralidade artística e cultural que elas engendram, no intuito de desconstruir estereótipos semeados pela cultura colonizadora, pois, a ideia de cultura além de ser dinâmica é diversificada e plural. Para discorrer sobre a presente temática, fundamentou-se em teóricos como: Bauman (2005), Boas (2005), Hall (2003) e Thompson (1992). Como amostragem da pesquisa, foram selecionados 5 moradores antigos da Comunidade da Missão, que participavam das danças. Para preservação da identidade desses sujeitos, adotou-se uma postura ética perante os envolvidos na pesquisa, e os nomes dos entrevistados não estão expostos nos resultados. Neste sentido, para diferenciar uma fala da outra utilizou-se o seguinte critério: morador 1, morador 2 e etc.

No processo de coleta das entrevistas utilizou-se a História Oral como método de pesquisa, pois a narração oral é um meio para que as tradições sejam reavivadas e ressignificadas. Ela funciona também como uma importante estratégia de identificação de comunidades tradicionais. Neste sentido, Thompson (1992) afirma que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 44).

Para Thompson (1992) a História Oral é uma das possibilidades de privilegiar e legitimar os conhecimentos que durante muito tempo ficaram na invisibilidade. Este método nos ajuda a compreender os saberes interligados às gerações passadas, mas que refletem de forma significativa no presente, revelando aspectos imprescindíveis para a compreensão histórica de comunidades com práticas tradicionais.

Desse modo, através da memória é possível conhecer a sua própria história e afirmar a sua identidade cultural. Conservar essas lembranças por intermédio do registro escrito é uma das formas de fortalecer os valores e as crenças deixados pelos povos ancestrais. Assim, “todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade...” (MORIN, 2000, p. 118).

As manifestações culturais se perpetuam até hoje no imaginário dos agricultores, pescadores e moradores de zonas campesinas, através das reminiscências. São saberes e práticas tradicionais transmitidas de geração para geração através da cultura da oralidade carregadas de fatos históricos que evidenciam o rico imaginário dessas pessoas.

### **A pluralidade cultural como forma de legitimação e construção identitária**

Para fixar nossa identidade é necessário o retorno à ancestralidade, mas é necessário também autoafirmá-la para sua integração na sociedade. A cultura dos povos da Amazônia é diversa, mas não é por isso que é ilegítima, ela é plural. Neste aspecto, é importante evidenciar as contribuições de Franz Boas (2005) para a configuração do conceito de cultura numa perspectiva pluralista: ele fala em “culturas” e não em “cultura”. Termo esse que abriu caminho para que outros antropólogos “desenvolvessem as implicações decorrentes da percepção da relatividade das formas culturais sob as quais os homens têm vivido” (BOAS, 2005, p. 18). Essas implicações a respeito da cultura como pluralista contribuíram para desconstruir conceitos hierárquicos que evidenciavam o pensamento colonial e racista.

Pensar o termo cultura numa perspectiva pluralista é reconhecer as diferenças culturais como legítimas. Para Boas (2005), as diferentes populações que existem no mundo têm diferentes culturas e é praticamente impossível estabelecer entre elas uma comparabilidade. Posto que, ao analisar a história de várias populações indígenas, o antropólogo chegou à conclusão de que é equivocada a ideia de hierarquizá-las, pois suas histórias, crenças e tradições são portadoras de uma particularidade e sabedoria, que qualquer tipo de comparação seria impossível. Neste contexto, é relevante evidenciarmos a fala morador 4:

Aqui na comunidade “nós brinca” de um tudo, quando eu era mais novo brincava “O Barqueiro”, que é uma dança tradicional daqui, gosto de ver “O Cangaço” também é muito animado ver os cabras de Lampião e Maria Bonita e os índios Kiri-Kiris. Quando a gente organiza as nossas coisas aqui ninguém espera por ninguém pra dá nada pra gente não. Nós “mermo” “corremo” atrás, porque se depender dessas autoridades ninguém faz é nada. A gente faz porque a gente gosta, desde criança que a gente brinca, se diverte todo mundo junto, quando num dá pra fazer na frente da escola, a gente se organiza e faz lá no terreiro da “Dona Noca<sup>2</sup>”. (PESQUISA DE CAMPO, 2017).

Mediante a fala do entrevistado, percebemos a pluralidade cultural que esta comunidade agrega, é uma diversidade de mundos, que é impossível uma hierarquização entre eles. Por intermédio das manifestações artísticas dos moradores, eles evidenciam o encontro de três culturas que foram cenários de muitas histórias, principalmente na região Amazônica. Quando o narrador enfatiza que gosta de brincar o Barqueiro, intrinsecamente ele está colocando em evidência a cultura colonizadora, tendo em vista que esta dança descreve o período das grandes navegações portuguesas no período colonial. Nesta dança, os moradores usam a indumentária de marinheiro e demonstram coreograficamente, os perigos enfrentados pelos

---

<sup>2</sup>Nome fictício.

portugueses em alto mar. Na imagem abaixo, os brincantes carregam uma barca iluminada, encenando, como ocorriam as expedições marítimas.

Imagem 1: Dança O Barqueiro, encenada pelos alunos e comunitários no Festival Cultural da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças em 2016.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O narrador afirma que brincava esta dança quando era mais jovem, pois é uma manifestação cultural que completou em 2018, 35 anos, e se instaurou na localidade por intermédio da colonização. Em contrapartida, ele gosta de apreciar a dança o Cangaço, que é uma manifestação típica da região Nordeste, a qual descreve uma história significativa de luta e resistência. O interessante que esta dança vem atravessado gerações na localidade, comprovando a presença de Nordestinos, que desejavam fugir da seca, e enriquecer nos Seringais.

Segundo o entrevistado, o Cangaço foi se consolidando na localidade, devido à migração dos Nordestinos para a Amazônia, no período da Borracha. Vale frisar que: “Durante o auge do ciclo da borracha embarcaram para a Amazônia aproximadamente 500 mil nordestinos, muitos dos quais retornaram após a crise, enquanto uma outra parte permaneceu na região e se integrou nela” (LOUREIRO, 2015, p. 47).

Neste entrelaçar de cultura, a pluralidade cultural foi se consolidando nas manifestações artísticas desta localidade, como também nas crenças, ritos, valores e tradições. Desse modo, Loureiro (2015) destaca que a cultura amazônica é: “um produto de acumulação cultural que absorveu e se aglomerou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mais especialmente no ciclo da borracha, migraram para a Amazônia.” (p. 49).

O narrador destaca também a dança dos índios “Kiri-Kiris”, manifestação esta, que evidencia os aspectos culturais dos ancestrais indígenas. Na fala do morador não identificamos nenhuma hierarquização entre essas culturas, mais sim comprovamos e aprendemos que elas podem ser evidenciadas numa perspectiva pluralista reconhecendo suas diferenças culturais como legítimas.

Imagem 2: Comunitários representando a dança do Cacetão manifestação cultural dos índios Kiri-Kiris no festival Cultural da Escola Estadual Nossa Senhora das Graças em 2016.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Assim, cada sistema cultural está em permanente mudança, compreender esta dinâmica é fundamental para evitar manifestações preconceituosas entre culturas diversas. Da mesma forma que é importante para a humanidade o entendimento das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças presentes dentro de um mesmo sistema. Este é um dos principais processos que preparam o indivíduo para descortinar o mundo, pois a cultura é uma teia de significado tecida pelos seres humanos, é um todo integrado, e não apenas um conjunto desagregado de práticas, hábitos, costumes, relações e pensamentos.

Para Franz Boas (2005) essa integração dessa multiplicidade de elementos, ordenado a partir de um princípio compartilhado por todos os indivíduos de uma sociedade específica, criava a cultura. Por ela ser única e exclusiva de cada sociedade, é inviável a tentativa de comparação entre outras culturas. O autor propõe reconhecer a diversidade cultural sem imposições de juízos de valores, pois só assim, é possível entender as práticas culturais realizadas pelas sociedades distintas.

Através da memória é possível conhecer a sua própria história e afirmar a sua identidade cultural. Conservar essas lembranças por intermédio do registro escrito é uma das formas de fortalecer os valores e as crenças deixados pelos povos ancestrais. Assim, “todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade [...]” (MORIN, 2000, p. 118).

Falar em identidade cultural então é compreender um tempo de mudança onde o moderno pode coabitar com o tradicional, a comunidade pode coabitar com a sociedade, não há uma anulação de uma modalidade antiga para a substituição de uma outra, mas sim uma realidade que permite que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e estas possam ser vivenciadas concomitantemente pelos agentes sociais. Mesmo com a concepção de um significado partilhado nas comunidades campesinas não há como compreender esta vivência de forma essencial, onde uma época sucede a outra.

A busca de uma identidade continua sendo uma luta constante contra a dissolução e a fragmentação. Mas também, a identificação causa uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta de ser devorada. É uma ideia paradoxal e desestabilizadora, que levanta questionamentos paradoxais, criando um “conceito altamente contestado” que na perspectiva de Bauman (2005):

A identidade é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças (que “o grupo” execraria como preconceitos) e a seus próprios modos de vida (que o grupo condenaria como exemplos de “desvio” ou “estupidez”, mas, em todo o caso de anormalidade, necessitando ser curados ou punidos). Em outro momento é o grupo que volta ao gume contra um grupo maior, acusando-o de querer devorá-lo ou destruí-lo, de ter a intenção viciosa e ignóbil de apagar a diferença de um grupo menor, força-lo ou induzi-lo a se render ao seu próprio “ego coletivo”, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém, a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora). (BAUMAN, 2005, p. 82-83).

Assim, o processo de identificação é uma verdadeira batalha em defesa de línguas, memórias, crenças, valores, costumes e hábitos locais menores contra hábitos que promovem a homogeneização e a exigência da uniformidade, pautados na ideia de unidade nacional. Mas estes conflitos são naturais da identidade, ela só aflora no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da guerra. Assim, “não se pode evitar que ela corte dos dois lados. Talvez possa ser conscientemente descartada, mas não pode ser eliminada do pensamento humano, muito menos afastada da experiência humana”. (BAUMAN, 2005, p. 83)

No sentido da preocupação de defender a memória e os costumes de uma tradição, trazemos a fala do morador 5:

Quando nós “era” curumim, nós sentava na beira do barranco, e ouvia e contava histórias uns “pros” outros. Naquela época não tinha tanta maldade, hoje é a coisa mais difícil na vida “a gente” ver essa juventude junta para momentos assim, quando não tão grudado no celular tão de olho duro na televisão. Quando eu “ralho”<sup>3</sup> e aconselho, fazem é rir de mim dizendo que as coisas que a gente fala é do tempo do “ronca”<sup>4</sup>. É triste minha filha, mas muita coisa tão se acabando a juventude tá muito mudada. Na nossa época tinha muita alegria, não tinha “arengação”<sup>5</sup> não, e como hoje ninguém tá nem aí para nada tudo vai se “escafeder”<sup>6</sup> “num” abrir e fechar de olho. (PESQUISA DE CAMPO, 2017).

Podemos identificar na fala do narrador, a preocupação em legitimar a sua identidade, e isso se comprova através do fato de os jovens não terem tanta preocupação em ouvir e perpetuar as heranças. Muitas vezes ele é ridicularizado por tentar mostrar para a geração atual como as coisas aconteciam em sua época. A identidade cultural pode está iniciando um processo de desestabilização na Comunidade da Missão, e o celular e as outras mídias, como a internet, têm sido os responsáveis pelo afastamento das pessoas de suas identidades culturais, em contrapartida, são trabalhos desta natureza que irão dar legitimidade ao conhecimento local.

Não importa o quanto tentemos estender a nossa imaginação acerca da identidade, a luta por auto se afirmar não é fácil, muito menos uma conclusão inevitável. Sua tarefa não é apenas repetir mais uma vez um feito realizado muitas vezes ao longo da história da espécie humana, mas substituir uma identidade escrita por outra, mais inclusiva, e afastar a fronteira da exclusão. E esse desafio “deve ser enfrentado hoje por uma espécie humana fragmentada, profundamente dividida, desprovida de todas as armas, exceto o entusiasmo e a dedicação de seus militantes.” (BAUMAN, 2005, p.86).

Portanto, somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas. A tarefa de construir uma identidade própria legitimá-la, torná-la coerente e submetê-la à aprovação pública exige “atenção vitalícia”, vigilância constante, um enorme e crescente volume de recursos e um esforço incessante sem esperança de descanso. Os conflitos são numerosos e tendem a ser amargos e violentos. “Essa é uma ameaça constante à integração social, e também ao sentimento de segurança e

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada pelos moradores para exortar alguém, ou melhor, ralhar significa chamar atenção perante algo não considerado certo.

<sup>4</sup> Expressão que caracteriza algo como muito antigo e que não tem tanta importância.

<sup>5</sup> Arengação é um termo que significa brigas, divergências e discórdias.

<sup>6</sup> Escafeder significa sumir, desaparecer, sucumbir ou simplesmente deixar de existir, expressão muito utilizada na Comunidade da Missão.

autoafirmação individual”, (BAUMAN, 2005, p.88) porque a identidade não é imutável, mas algo em progresso e em constante processo de emancipação. De acordo com esta perspectiva, daremos ênfase a seguir, à pluralidade de culturas pertinentes na Missão para endossar a identidade cultural.

### **A cultura local dentro de uma perspectiva pluralista**

A cultura é como uma lente que filtra tudo aquilo que vemos, percebemos e sentimos. Não há como perceber o mundo a não ser através do filtro de alguma cultura. “Cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu”(BOAS, 2005, p. 18). Um dos elementos centrais desse processo de “percepção do mundo” é a linguagem, que é um mecanismo de transmissão de valores, ideias e formas de refletir sobre a realidade.

A Cultura é um todo integrado, é tudo aquilo que é feito, pensado e trabalhado pelas pessoas. As crenças, os mitos, as tradições e os costumes são criações culturais, pois foram construídas por grupos sociais e transmitidas de geração em geração através da linguagem. É o meio pelo qual vemos e percebemos o mundo.

Para Laraia (2014) a cultura pode ser entendida também como um componente interno essencial da natureza humana, estando, pois, associada ao contexto biológico como também ao contexto evolutivo. Ela não é estática, vem se transformando de acordo com o tempo, é um conjunto de convenções características dos seres humanos.

Na realidade são comportamentos e saberes naturais das pessoas, que de acordo com a evolução da sociedade, estas atividades e essas práticas também evoluem, pois estão em constante progressão evolucionar. Elas podem ser adquiridas através do constante processo de aprendizagem das pessoas, e transmitidas de geração para geração por intermédio de suas vivências sociais. A cultura, “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LARAIA, 2005, p.25)

O autor reafirma ainda que a cultura é dinâmica e está sujeita à mudanças devido ao seu constante processo evolucionar. Ela deixa de ser um conjunto de práticas observáveis e passa a configurar um conjunto de códigos simbólicos, ou melhor, é mais semelhante a um conjunto de códigos do que apenas um conjunto de comportamentos. É um conjunto de regras que é internalizado pelas pessoas desde a infância.

A cultura não é somente os fazeres de determinado grupo social, mas também o que ele pensa. Ela está presente em todos os indivíduos que vivem em sociedade, é compartilhada

e transmitida de geração para geração, como um código, permeada pela linguagem e por várias características que a língua traz consigo.

As identidades culturais são diversas, o universo das crenças é pertinente entre os moradores antigos da Comunidade da Missão, assim como as lendas e os mitos, eles acreditam nos conhecimentos transmitidos pela geração passada. Partindo desse pressuposto, consideramos relevante destacar a fala da moradora 6:

Quando a gente emprenhava, “num” tinha esse negócio de médico não, a genteia até a casa da “Dona Reza”<sup>7</sup> e ela dizia quando é que nós ia “parir” e se nós ia ter um bom parto ou não. Eu fazia do jeitinho que ela mandava toda sexta-feira me banhava e ela rezava em mim. Se o menino tivesse de atravessado, bastava rezar três sexta-feira seguida que a Nossa Senhora do Bom Parto e do Desterro colocava o menino encaixado. Tive 15 filhos minha filha só na base da reza com galho de peão roxo e dos asseios. No meu resguardo, eu tirava os 40 dias de baixo do mosquito, se num cuidasse a “doença do vento”<sup>8</sup> vinha e levava a criança. Esse vento da “boca da noite” nem pensasse em pegar, tinha que se resguardar porque quando a “mãe do corpo” vinha era uma dor medonha que num tinha quem suportasse, era cruel. Minhas plantas tão tudo aí “espaiáda” pelo quintal, só não cuido mais porque “tô” muito velha, mas pra mim esse negócio de tá o tempo todo no médico num ficou pra mim não, basta fazer um chazinho minha filha que fico boa na hora. (PESQUISA DE CAMPO, 2017).

Mediante a fala da narradora, percebemos o costume de uma tradição pela maneira como ela reconstruiu seu passado, demonstrando a sua fé nas rezas, nos banhos e cuidados vindos das práticas tradicionais de uma ancestralidade. Esses saberes contribuíram para o nascimento saudável de seus 15 filhos, apesar dos poucos recursos, as parteiras realizavam os partos de mulheres e curavam as “mães do corpo”, doença muito temida por elas, pois eram as consequências de um resguardo não cuidado. A sabedoria popular é predominante entre os moradores antigos, pois se a mulher não cumprir o resguardo de 40 dias debaixo do “mosquiteiro”, pode ter consequências sérias futuramente.

Esses aspectos culturais são como um processo resultante de todo conhecimento histórico das gerações anteriores, uma vez que toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando, assim, um interminável processo de construção, o qual se dá graças ao ato da comunicação oral. E são por intermédio da reconstituição desses aspectos culturais que legitimamos e construímos a nossa identidade no presente.

A narradora destaca que a medicina tradicional tem sido pouco valorizada, para ela, as plantas medicinais surtem mais efeitos do que estar constantemente no médico. A cura de seus

---

<sup>7</sup>Nome fictício.

<sup>8</sup> Doença do vento que não tinha cura na época, hoje é conhecida como a meningite, muitas crianças vinham a óbito, a maioria recém nascido, era muito raro uma criança sobreviver da “doença do vento”.

males está em seu quintal, porém como está idosa não tem tanta habilidade e força de manter suas plantas como queria. Essas práticas tradicionais são ensinamentos para a nossa geração, em vez de nos entupirmos de remédios e drogas fabricados em laboratórios, podemos muito bem nos render às nossas tradições e tratar de nossas enfermidades de uma forma mais saudável.

Nesta perspectiva, Hall (2003, p.56) destaca que há três conceitos para definir o que se considera como cultura ou [...] “Comunidade Imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança. Assim, valorizando, ressignificando e registrando essas três definições através da história oral, os moradores da Comunidade da Missão podem reconstruir o passado dando sentido às ações do presente. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que:

O conhecimento cultural é o único que não tem vergonha de seu sectarismo e do viés dele resultante. É, na verdade, o único conhecimento audacioso o bastante para oferecer ao mundo seu significado, em vez de acreditar (ou fingir acreditar), com ingenuidade, que o significado está ali, já pronto e completo, à espera de ser descoberto e aprendido. A cultura, portanto, é o inimigo natural da alienação. Ela questiona constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo. (BAUMAN, 1999, p. 204).

### **Considerações Finais**

As narrativas estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões “estranhas do mundo”, elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles. Evidenciar as narrativas de tradição oral, que permearam o imaginário dos moradores antigos de uma determinada comunidade, é uma das alternativas de preservar o passado, e contribuir para uma construção identitária no presente. Legitimar a identidade da cultura local inclui destacar a língua, a história, a geografia, os modos de formular ideias, de fazer, de ser e de estar com os membros de um mesmo grupo social, abrange um espaço compartilhado.

É importante para a humanidade o entendimento das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças presentes dentro de um mesmo sistema. Este é um dos principais processos que preparam o indivíduo para descortinar o mundo, pois a cultura é uma teia de significados tecida pelos seres humanos, é um todo integrado, e não apenas um conjunto desagregado de práticas, hábitos, costumes, relações e pensamentos.

Assim, valorizando, ressignificando e registrando essas três definições através da história oral, os moradores da Comunidade da Missão podem reconstruir o passado dando sentido às ações do presente. Legitimar a identidade da cultura local inclui destacar a língua, as manifestações artísticas e culturais, a história, a geografia, os modos de formular ideias, de fazer, de ser e de estar com os membros de um mesmo grupo social, abrange um espaço

compartilhado. Desse modo este trabalho possibilita reconhecer a diversidade cultural sem imposições de juízos de valores, pois só assim, é possível entender as práticas culturais realizadas pelas sociedades distintas.

### **Referências**

BOAS, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Guacira Lopes Louro & Tomas Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

Morin, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.